



MARIA E A REDENÇÃO

A última definição dogmática pronunciada pela Igreja representada no seu Pastor e Doutor Universal, engastou na coroa de glória da Mãe de Deus mais uma pedra preciosa. Pio XII declarou solenemente, no encerramento do Ano Santo, que Maria Santíssima foi elevada aos céus em corpo e alma.

Se a Igreja um dia voltar a pronunciar-se com igual solenidade a respeito da Rainha dos céus e da terra, será porventura para definir que Maria é Medianeira de todas as graças.

Chama-se a Maria Santíssima co-Redentora, ou Cooperadora da Redenção e Reparadora do género humano.

Que alcance tem este ponto de doutrina? Não irá ele de encontro ao que a revelação ensina?

De facto nos escritos de S. Paulo, as Sagradas letras dão testemunho de que Jesus Cristo é o único Mediador entre Deus e os homens. No discurso pronunciado pelo príncipe dos Apóstolos após a cura do estropeado que mendigava junto da porta do templo de Jerusalém lê-se que Cristo foi o «Único que pelos seus méritos operou em nós a salvação».

Como pode Cristo ser o Único Mediador, se Maria cooperou com Ele? É uma verdade de fé divina que Cristo é o Mediador único, e é verdade admitida pela Igreja que Maria foi cooperadora de Jesus na obra da Redenção.

A obra de Jesus sem a de Maria, seria incompleta, e a cooperação de Maria não vem prejudicar a plenitude da obra de Jesus.

A humanidade representada em Adão e Eva decaiu pela desobediência do primeiro homem do estado sobrenatural em que se encontrava. Essa desobediência fez entrar a morte no mundo. E o mundo assim caído, como espancado e roubado na estrada de Samaria, foi redimido e levantado do pó pela obediência doutro homem, Jesus Cristo, Deus e homem. «Assim como todos encontram a morte em Adão, também todos encontrarão a vida em Jesus Cristo». Assim escreveu o Apóstolo, vaso de eleição. Razão de ser da expressão com que é designado o Redentor: o novo Adão.

Estamos pois em presença de dois factos inteiramente relacionados entre si: a queda, e a redenção da humanidade; o Adão da morte, e o Adão da vida; o homem da ruína e o homem da salvação; o réu de desobediência e o obediente até à morte.

(Continua na 4.ª pág.)

COLCURINHO

O mais belo ponto de turismo do centro de Portugal

Causou a maior alegria em todos os amigos deste Santuário a notícia do início da abertura da estrada para as Portas do Inferno e Colcurinho.

Dentro de poucos anos os automóveis circundando o monte sagrado da Beira irão visitar a capelinha mais alta de Portugal.

O Colcurinho será então o centro de turismo mais concorrido e mais admirado do centro de Portugal. Nem o Montalto, nem Viana do Castelo, nem a Cruz Alta do Buçaco, nem o panorama deslumbrante do Sameiro o poderão igualar.

«Cesse tudo o que a Musa antiga canta, que outro monte mais alto se levanta».

Portugal é rico de lindas paisagens e cheio de motivos turísticos que encantam, prendem e atraem. É pena que os portugueses não conheçam a sua terra. A nossa Beira é um jardim maravilhoso desconhecido de muita gente e por isso quando aqui veem, muitos que viajam em lindas e lusidas espadas, ficam maravilhados. Vão passar parte e pouco tempo depois ou no ano seguinte voltam, porque quem vem uma vez, por força tem que voltar.

É pena que no concelho de Oliveira do Hospital não haja uma COMISSÃO DE TURISMO encarregada da propaganda das belezas da região.

A ideia foi já lançada aos quatro ventos, mas ou caiu em pedregulhos e não germinou, ou caiu nos caminhos e foi calcada pelos indiferentes. Bem quizeram que tivesse caído nos salões nobres dos paços concelhios e que alguém a acarinhasse... Mas parece que os ventos do norte não são propícios à cultura das belezas naturais... por serem pior talvez.

A verdade, porém, é que com Comissão ou sem ela a Senhora das Preces há-de impor-se à consciência e admiração de todos.

Há dez anos atrás nunca ninguém poderia prever a obra grandiosa que se está a fazer e que os Serviços Florestais estão a realizar e tudo isto, que já é muito, é apenas o princípio de um vasto plano de acção que começa a por-se em execução.

Para a sua completa realização muito há a esperar dos nossos estadistas pois sem a sua protecção, sem o seu auxílio nada se poderá fazer.

Uma graça de Nossa Senhora

A minha filha queixava-se há muito do estômago, resolvi levá-la ao médico e ele aconselhou a tirar uma radiografia.

Esperei ansiosamente a resposta, e ela chegou, mas infelizmente acusou uma úlcera duodenal.

Só havia dois caminhos a seguir, ou a operação, ou o tratamento com o fim de secá-la, optei pelo segundo e foi então que pedi com toda a minha fé à N. S. das Preces para que o tratamento desse resultado, para a livrar da operação, e a N. S. ouviu-me porque felizmente a segunda radiografia já não acusou.

Foi operada sim, mas à apendicite, que já é uma operação mais simples, e que graças a Deus correu bem pois que já se encontra em casa e livre de perigo.

Envia a esmola de 30\$00 para a Senhora das Preces.

Olimpia Mortágua Antunes
Lisboa, 30-5-1953.

Colónias de Férias

Começaram já as colónias de férias na Senhora das Preces.

No dia 26 de Junho chegaram os rapazes da J. E. C. acompanhados do sr. P.º Póvoa dos Reis e do sr. capitão Moreira que aqui estarão até ao dia 7.

Seguir-se-ão as colónias das Noelistas e dos Seminaristas.

No dia de S. João

houve na igreja da Senhora das Preces missa cantada em cumprimento de uma promessa do sr. José Martins, do Boco e residente em Lisboa.

Muitas pessoas dos arredores foram ao Colcurinho assistir ao nascer do sol, vindo depois para a Senhora das Preces comer as merendas onde passaram o dia.

Imposto de Trabalho

É durante o mês de Julho que se paga o imposto de trabalho à Câmara.

Este ano é de 20\$00 por causa dos trocos.

Várias notícias

No distrito de Coimbra foram propostas para exame do ensino primário 6 mil e 27 crianças.

As trovoadas dos últimos dias causaram muitos prejuízos em várias terras especialmente em Alverca da Beira, Covilhã, Coja, Meda de Mouros.

Em Paris um aprendiz de alfaiate durante 15 meses todos os dias roubou um metro de fazenda para oferecer a uma rapariga.

Nas ilhas Baleares quando 15 artilheiros carregavam um canhão, este rebentou tendo morrido todos.

Perto de Braga, em Venda Nova, no rio Cávado foi inaugurada a barragem de Salamonde, a qual tem 97 metros de altura e 320 de comprimento.

Em Lisboa realizou-se uma festa da Cruzada das Crianças com a presença do Sr. Cardeal Patriarca. Tomaram parte crianças de 30 freguesias.

Dizem de Tóquio que na ilha de Kyusu uma tempestade causou a morte de 364 pessoas e trezentas mil ficaram sem as suas casas devido a grandes inundações.

No porto da Beira, Lourenço Marques, quando um navio descarregava gasolina para os tanques próximos a gasolina incendiou-se, arderam alguns navios, morreram queimados 30 indígenas e ficaram feridos 50.

Alguns salvaram-se atirando-se à água.

Na Bélgica foi inventado um tipo de tijolo, leve como o papel, que pode ser serrado e com o qual se podem construir abrigos contra a radioactividade e resistente ao calor.

Na Figueira da Foz foi inaugurado um monumental hotel de turismo. Este hotel tem oito andares e 110 quartos todos com casas de banho.

O Sr. Presidente da República foi assistir a Guimarães às festas comemorativas do primeiro centenário da sua elevação a cidade e dos mil anos da sua fundação. Guimarães, onde nasceu D. Afonso Henriques, foi o berço da nossa nacionalidade.

Em Vila Franca de Xira realizaram-se os grandes festejos populares do «Colete Encarnado» assistindo muitos milhares de pessoas.

No Egipto foi proclamada a República, sendo Naguib o primeiro presidente.

Na Itália um automóvel com galinhas roubadas incendiou-se. Os ladrões conseguiram fugir e a polícia tomou conta de um peru queimado e das galinhas tostadas.

Na Bobadela um incêndio causou grandes prejuízos em pinhais.

VIAGENS E IMPRESSÕES

I

UM HONROSO CONVITE. — A CAMINHO. — S. ROMÃO. — SEIA. — GUARDA. — O ÓSCULO SINCERO DAS BOAS VINDAS.

Um honroso e tentador convite, recebeu nossa esposa — da Ex.^{ma} Senhora D. Palmira Dinis da Fonseca — Mui Digníssima Directora da Escola Regional — do Outeiro de S. Miguel — Guarda, neste teor:

...Venha ao retiro espiritual — juntamente com o seu Marido, e têm a ocasião de verem os vossos queridos filhos.

Vamos? (Pergunta-nos a nossa esposa — interessada).

Embora convalescente de uma gripe renitente, como desejávamos ver os nossos filhos, pessoas Ilustres a quem lhes devemos finezas que só se pagam com o bem-haja do imo do coração agradecido e ainda ansiosos — por vermos de perto um pouco, essa obra caridosa — de Sua Ex.^a Reverendíssima Senhor D. João de Oliveira Matos (Venerando Bispo de Aureliopolis), dissemos com a sinceridade da nossa alma de poeta sentimentalista e crente: *Vamos, Deus nos ajudará a vencer o caminho.*

A caminho!

Seis horas da manhã. Serra abaixo, serra acima. Estilhas de sol já osculam as copas dos arvoredos e casais. Uma sinfonia divina e santa abraça as montanhas, onde a vida dos seres — acordou buliçosa e risonha, ao toque de alvorada. Apolo, no seu carro de ouro, espalha a alegria no mundo inteiro. Diante deste cenário que a pródiga natureza, guiada pela Mão Divina, nos oferece sentimentos, apesar de cansados da jornada a pé, por maus caminhos, um suave bem estar e, num momento de extase e admiração — dizemos à nossa esposa e ao nosso jovial e pequenino filho que nos acompanha — ansioso para ir ver os irmãos:

Como é incomensurável o poder de Deus!

Catraia de S. Paio: — Nesta graciosa terra — onde passa uma esplêndida estrada e onde se erguem casas em estilo brasileiro, tivemos o prazer de cumprimentar dois velhos amigos, os honradíssimos comerciantes: Heitor Amaral Nogueira e A. Veloso.

Aqui tomamos a camionete que nos deve transportar a S. Romão.

E embarcamos — tivemos por agradável companhia a menina Maria de S. José Pina Martins — irmã dilecta do festejado Poeta, Escritor e Tradutor: Duarte de Montalegre que actualmente se encontra no Vaticano.

S. Romão — A camionete entra — com os passageiros numa ampla e modernizada garage — que oferece todas as comodidades ao viajante cansado.

É aqui que se encontram as carreiras das Companhias Viação: Jorges, Mariano & C.^a de Arganil e da Companhia Industrial e Comercial «Hermínios», Lda de Seia.

Após a pequena refeição e enquanto esperávamos a hora de embarcar, fomos dar um passeio pela industrial vila, aproveitando o ensejo a nossa mulher, vai cumprimentar a caridosa

e Benquista senhora D. Ana Martins Nogueira.

Novamente a caminho.

Seia! A Princesa da Guarda! A terra natal de Santa Antonina, é uma terra encantadora! Tivemos pena do tempo da paragem da camionete, não permitir de irmos abraçar o boníssimo amigo e brilhante jornalista senhor Luís Ferreira Matias — Director de: «A Voz da Serra».

Depois de passarmos por terras importantes como: Celorico da Beira — terra aonde nasceu o saudoso Sacadura Cabral — e Gouveia, chegamos à Guarda às seis e meia da tarde do dia 28 de Março, ano corrente.

Guarda: A cidade mais alta de Portugal, na cidade silenciosa, há ritmo de trabalho e de alegria que nos encanta, porque ali — está-se mais perto de Deus.

Ao prepararmos-nos para descer da camionete, somos suavemente beijado — era ósculo sincero das boas-vindas que nos dava o nosso filho do meio — aluno dessas casas Benditas — que nos iam acolher por alguns dias, com a verdadeira e fraternal hospedagem cristã.

O nosso filho que veio esperar-nos no automóvel da casa, diz-nos que também vão, no mesmo carro, o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves — estimado Venerando Prelado da Diocese da Guarda e o Senhor Dr. Alberto Dinis da Fonseca.

Na agradável e honrosa companhia acima descritas, vamos ansiosos a caminho do Outeiro, num belo carro do Senhor Bispo D. João de Oliveira Matos. — Ao volante vai o sr. Prado — pessoa de trato afável, um dos educandos dessas Escolas benéficas que vamos visitar.

Vamos deslizando por uma magnífica estrada — aonde se avistam, para o deleite da nossa alma ávida do Belo, do desconhecido, poéticos panoramas. Camponeses na faina sacrossanta, amanhã a terra fecunda.

São horas das Trindades. Um sino lembra que — nem só de pão vive o homem.

Ei-los que passam contritos de chapéu na mão.

Avé-Maria:

Recitamos baixinho o nosso soneto: Primavera.

Já enfeitam as flores os caminhos,
Sorri na terra a mágica poesia!
Nas frondes, há esperançosos ninhos,
Que o sol embala, quando nasce o dia.

São os lindos gorgeios dos passarinhos,
Na primavera, a lira da alegria,
Nas campinas, há roxos rosmarinhos,
E lá, no céu azul, mais harmonia.

É mais alegre o dia, a noite é santa!
No salgueiral, alegremente canta
O rouxinol, estranha melodia.

Tem mais frescor e encanto a madrugada,
A lua é mais clara e prateada,
Quando o lavrador reza: — Avé-Maria!

Dá uma pequena paragem — para o senhor Dr. Alberto Diniz da Fonseca — explicar ao Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, a origem dum Marco que se ergue a poucos metros da estrada.

O dia vai acabando lentamente a

CONVERSANDO...

Já te disse que tu hoje não deves sair de casa... Sabes que logo vem cá o Zé Malaquias pedir-te a cachopa para casamento...

— E tu a dares-lhe e a burra a fugir. Pois também já te disse que não queria que esse moleiro ou maluco ou malaquias puzesse cá os pés...

— Ó homem, não sejas assim. Tu bem vês que ele é rico, tem muito dinheiro, a rapariga gosta dele...

— Se ele é rico que jante duas vezes; se tem muito dinheiro que o dê de presente a quem quizer; mas a cachopa não é para os dentes dele...

— Ai a minha vida... ainda me faltava mais esta... daqui a pouco está ele por aí...

— Pois co'a a breca... se ele vier roda nos calcanhares, dá meia volta à esquerda e... põe-se a mexer para casa.

— Fazes uma linda figura, não há dúvida...

— Ó mulher, cala-te, porque se não... não. Tu mostras que não tens juízo algum e a cachopa é doida ou maluca, por certo.

Então eu hei-de dar a minha filha a um homem que tem o seu nome pelas ruas da amargura, que já enganou a Zefa Zeferina lá de cima dos moitinhos, e de mais a mais divorciado?!...

Que mal lhe fez a pobre rapariga para a deixar, ela que era linda como uma flor, tinha umas mãos... como poucas, ninguém tinha a mais pequena queixa contra ela?!...

E é a um mariola destes, a um homem nestas condições que tu queres entregar a tua filha?

— Pois sim, tudo isso é muito lindo, é verdade; mas perde a cachopa um bom casamento. Quem viver verá, mas tu ainda hás-de torcer a orelha.

— O quê? um bom casamento?! Ele por ventura pode-a receber à face da lei de Deus e da Igreja? Nunca.

E eu não posso consentir que uma filha minha se junte com ele, ou com outro nas mesmas condições.

— Mas o Zé Malaquias já me disse que, apenas a outra morra, leva a nossa filha à Igreja.

— Lá voltas tu à mesma... Já te disse e torno-te a repetir: enquanto eu for gente neste mundo, a cachopa não vai para ele.

Sou cristão e sou católico: assim fui educado, assim tenho vivido, assim espero morrer e desejo que os meus filhos façam o mesmo.

Se tu és mãe, eu sou pai; se tu não tens juízo, tenho-o eu; se tu és maluca, eu não tenho culpa disso e se tu te contentas com tudo e te fias em lérias dele, lá te avenhas.

— Ai os meus pecados!... quando ele vier, que lhe hei-de dizer?

— Não sabes? coisa simples: diz-lhe que não há cá pão cozido nem sardinha assada. Que vá bater a outra porta.

— Então a cachopa não se há-de casar?

— Está bem mulher. Concorro perfeitamente em que a cachopa se deve casar.

Eu e tu não duramos sempre e por isso ela precisa de alguém que a ampare.

Mas que seja com um rapaz bom, bem comportado e que tenha o nome limpo e que a receba à face da Igreja.

Não é a riqueza que os faz felizes, mas sim o verdadeiro e eterno amor.

Estou bem certo de que lhe não hão-de faltar pretendentes bons.

Deus nunca falta àqueles que querem viver segundo as suas leis.

sua missão, envolvido numa aragem fria. Precisamente o Almanaque de S. Miguel, dava frio para esse dia, dando motivo para um diálogo jocoso entre os nossos dois companheiros Ilustres de viagem:

Senhor D. Domingos:

— Quando o Almanaque — diz chove; chove mesmo?...

Resposta do Senhor Dr. Alberto Diniz da Fonseca:

— Sem dúvida: quando não chove no concelho da Guarda, chove no Algarve, nos Açores, na África, ou... em qualquer terra portuguesa...

Pensamos: O Almanaque de S. Miguel, é o rei dos almanaques!... Além de ser bem elaborado, o produto da sua venda — tem fins altruistas de humanismo. Adquiri-lo e recomendá-lo é o dever de todo o católico que se presa, tendo em vista que, cada exemplar, custa uma pequenina importância.

Gastam-se tantos dez tostões mal gastos por aí fora...

Escolas regionais José Diniz da Fonseca à vista!

A nossa ansiedade de chegar é grande!

Aqui temos dois filhos que nos es-

peram e vamos desejosos de conhecer de perto, Amigos a quem estamos gratos e estimamos pelas suas virtudes.

À entrada alguns pinheiros verdejantes, curvados numa cortesia palaciana, parecem convidar o crente e o descrente, a visitarem estas casas, aonde — a caridade e a virtude não são vocábulos — de só trazer nos lábios.

Enfim — chegamos — com a graça de Deus.

O hábil e dedicado motorista, retira veloz, a nossa pequena bagagem.

Pela força de hábito, esboçamos o universal gesto da gratificação.

O sr. Prado — num gesto, que o nobilitou no altar da nossa simpatia, recusa — delicadamente.

Habitado, lá fora destes portões, a exhibir, após pequenos serviços, a célebre e aviltante gorgeta, que tanto a temos condenado como jornalista amador, tiramos uma grande lição de cristianismo deste fiel servo da Liga de Jesus; Servir o semelhante por amor e caridade — ilumina a alma de quem precisa ou de quem pode prestar auxílio. Seja de Deus a infinita recompensa.

(Continua)

ANÍBAL MENDES

Assinaturas pagas da «Voz do Santuário»

Com 20\$00:

Augusto António da Silva — Alvoco de Várzeas;
D. Maria Laura Nogueira — Porto da Valsa;
D. Elisa de Ascensão Barros e Silva — Lourosa;
D. Albertina Quaresma de Macedo — Lisboa;
D. Augusta Tavares de Barros — C. Viariato;
Com 15\$00 José Pacheco — Lisboa;
Com 12\$50 António da Costa Henriques — Molelos;
Com 40\$00 Manuel Abrantes Moreira — Lisboa;
D. Cecília dos Santos — Sorgassossa;
António Casquilho Júnior — Nelas;
Com 12\$50 Gelásio Marques Henriques — Molelos;
Com 15\$00 José Fernandes Coimbra Júnior — Molelos;
Artur Aires Mendes — Brasil;
Manuel Francisco Ribeiro — Lisboa;
Joaquim Ribeiro — Lisboa;
Com 15\$00 D. Belisanda do Carmo Rodrigues — Rapada;
Manuel dos Santos Diniz — Pomarés.

Com 10\$00:

José Francisco Pereira — Cebola;
Augusto Genro — Cebola;
Américo Ramos Pereira — Cebola;
António dos Reis Covita — Cebola;
Alfredo Bernardino — Cebola;
José Bernardino — Cebola;
José Branco Monteiro — Cebola;
António Branco Baptista — Cebola;
Pedro Branco Baptista — Cebola;
Miguel Pinheiro Simões — Peso;
Alfredo Baptista Júnior — Cebola;
Manuel de Almeida — V. Derradeiro;
José Baptista — Tortosendo — F. Vales;
D. Celeste de Jesus Diogo — Aradas;
Armando Marques Diniz — M. da Panasqueira;
D. Encarnação R. Nobre — Vide;
Armando Matias R. Freire — Vide;
José Pereira — C. Figueiras;
D. Maria Zulmira Leal — Paul;
D. Cândida Soares Barbas — Paul;
Arlindo Alves Martins — Venda da Serra;
Albano Martins de Abreu — Moita da Serra;
Manuel Francisco — Abitureira;
Gilberto Veiga — Paranho de Besteiros;
António de Brito — Quinta Val Asna;
Alfredo de Camba — Val de Cerdeira;
Abílio da Silva Mendes — Alvoco de Várzeas;
António J. da Silva — Rodiado;
António Lopes — Lisboa;
Manuel Moreira — Chaes de Égua;
António Bento Sousa — Chaes de Égua;
Daniel Rodrigues Ferreira — Candosa;
D. Maria Madalena — Val do Torno;
Leopoldo Marques — Botulho;
Arlindo Dias Oliveira — Covilhã;
Benjamim Jorge Leitão — V. Cova;
Américo de Sousa Martins — Chamusca;
Manuel Júlio — Merujais;
António da Fonseca Silva — P. Três Entradas;
António Mendes Figueiredo — Covilhã;
Luís Alves Fortunato — Mouronho;
César Barata — Meãs;
Urbano Adrião Lopes — Lisboa;
Joaquim Correia Chaves — Tondela;
Joaquim Mendes Freire — Barreira — Vide;
João Pereira Nunes — Malhada Cilhas;
Manuel Rodrigues Lourosa — Molelos;
Ernesto Lopes — Nelas;
Acácio dos Santos — Nelas;
João Moreira — S. Gião;
Manuel Francisco Fernandes — Cide;
António da Silva — C. Redondo — Nelas;
José Custódio Antunes — Cambas;

D. Maria Emília Alves — Chamusca;
Aires Rodrigues Sebastião — Mortágua;
José Marques Henriques — Tondela — Nandufe;
D. Maria da Mota Silva — C. S. Paio;
Lino Madeira — S. Romão;
António Dias Bailão — Alvoco de Várzeas;
César do Carmo Pacheco — Lisboa;
Ricardo dos Anjos Pacheco — Lisboa;
João Lopes Garcia — Silvadal;
António Lopes Figueiredo — Silvadal;
Manuel Lourenço — Outeiro de Cima — Tondela;
Delfim Martins Pereira — Val de Ovelha;
António José Alves — Avô;
José Gouveia Cantoneiro — Alvoco de Várzeas;
António Ribeiro de Sousa — Aldeia Vilar;
Urbano Alves — Abitureira;
Manuel Fontinha Cónego — Vide;
Francisco Lopes Júnior — Piodam;
João Luís — Corgas — Pomar;
António Gonçalves Coelho — Cebola;
António Francisco Ribeiro — Pomares;
D. Maria da Glória Nogueira — Sorgassossa;
Manuel Mendes — Parente;
José Lino — Parente;
António Martins Novo — Carapinha;
Diamantino Costa — P. Três Entradas;
Francisco Dias Oliveira — Penalva;
Manuel Baptista Oliveira — Carapinha;
Cândido Baptista Oliveira — Moita da Serra;
D. Natividade Marques — S. S. da Feira;
Joaquim Ferreira — C. de Pera;
Francisco Mendes — Val de Água;
José Francisco Pires — dois anos — Cebola;
Aurélius Nunes Pacheco — dois anos — Cebola;
António Francisco do Nascimento — dois anos — Pomares;
Bernardino Ribeiro — dois anos — Moita da Serra;
António Pinto — dois anos — Chamusca;
D. Beatriz Antunes — três anos — Covilhã;
D. Maria Casimira da Glória — Sorgassossa;
José Garcia da Costa — Lisboa.

Bilhete postal de um Piodense

3.º Aniversário da «Voz do Santuário»

Indiferente ao tempo, vela apleada ao único sentido de bem servir a sua região, a «Voz do Santuário» simples, modesto, mas de utilidade incontestável, segue o seu caminho imperturbavelmente e sem esmorecimentos.

Bem-vindo, pois, o seu aniversário — o 3.º que acaba de passar.

Daqui, de Lisboa, para onde o dever do trabalho nos atirou, felicitamos sinceramente o exemplar periódico regionalista, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Do mesmo modo, apresentamos os nossos parabéns ao seu ilustre Director e fundador que, com indefectível dedicação tem constituído, desde sempre, as pedras basílicas da existência do nosso jornal.

Lisboa, Junho de 1953.

Antonino Lourenço Pacheco

Quando o amor reina na família... tudo é paz e alegria

Numa aldeia das margens alcantiladas do Douro, recanto abençoado, que, em vindo o verão, se cobre de louras uvas, vivia uma numerosa família, cuja felicidade, apesar dos seus nenhuns haveres, era invejada por todos, na vizinhança.

O chefe desta família fazia de renda umas leiras que amanhava com o auxílio da companheira. Na sua companhia, e a coroar aquele romance de ventura, viviam os seus pais, já velhinhos, dois grandes trabalhadores, que passaram o melhor da sua vida amanhando, como ele agora fazia, a terra que a outrem pertencia, e a quem ele «pagava a sua dívida», como ele dizia, na sua linguagem de quem não esquece aquilo que se deve aos pais.

E poupava os filhos — «pondo a juros um pequenino capital» — que frequentavam a escola, o mais que podia. Lá deixá-los analfabetos é que não, dizia ele, «não só porque a mim me fizeram o mesmo, mas ainda porque o homem não deve ser assim como os animais! É preciso que, se um dia os azares da sorte mos atirarem para longe, eles não tenham necessidade de recorrer aos outros para me dizerem o que sentem!...»

Ora este bom camponês, que não tinha aspirações senão a ter a saúde suficiente para levar ao calvário a cruz da vida e a encontrar trabalho nos dias que lhe deixava livres a sua vida, tinha sempre quem lhe falasse, pois era o que se chama um trabalhador de mão cheia, valente e sério.

Perto dele havia a «Quinta do Moimão», cujo proprietário, conhecedor dos sentimentos deste homem lhe dizia frequentemente: «Vê lá, João, sempre que possas, não prometas os teus dias a mais ninguém.

O teu método e o teu trabalho agradam-me tanto, que eu pago-te sempre melhor do que os outros».

E assim era, com efeito.

Dia ou bocado que tivesse livre lá ia ele, enxada ao ombro, a casa do sr. Anselmo, que sempre o recebia bem e o colocava à frente do seu pessoal que ele sempre animava com o seu esforço e a sua boa disposição.

E, tarde em que o João lá trabalhasse, parece que o dia lhe fundia o dobro!

Chegara o tempo das vindimas, e mestre João, como ele era mais conhecido, que nessa altura tinha pouco que fazer em casa, porque a mulher pri-

mava por ajudá-lo, o mais possível, pôde ajudar a dirigir a vindima e a pisa.

O sr. Anselmo recomendara que ao chegar a certo ponto, não colhessem dois bonitos exemplares de cachos duma Fernão Pires que «botava» pela primeira vez. E assim foi.

«Eram exemplares que metiam raiva», disseram todos ao passar por lá. E quem «adregasse de comê-los ficaria com a boca a saber a mel», aventavam. Mas ninguém ousava tocar-lhes, que o sr. Anselmo não era para graças!...

Ora, antes do sol posto, o patrão aparecera, e disse a João: «deixei-os para ti. Corta-os, e leva-os para os teus miúdos, não vá a cepa ficar aneira».

Porém, ao chegar a casa, mais tarde que de costume, os filhos já dormiam.

Reflectindo, disse de si para consigo: então é lá possível que a videira venha a dar um ano sim e outro não, só porque os rapazes não lhe comem os primeiros frutos? Acho que pratico uma melhor acção refrescando os meus velhinhos! E, pé ante pé, foi deixar-lhos no quarto, com as boas noites.

Na manhã seguinte os dois repararam naquela beleza, e disseram um para o outro: não está certo que nós comamos isto, e que a nossa pobre nora, que é o modelo das mulheres e das mães, nem sequer as prove. E ofereceram-lhe os dois cachos, dizendo que já tinham comido, e que eram uma delícia.

Mas a mãe é que pensou: os pequenos, que vêm secos da escola ficarão radiantes com semelhante coisa! E guardou-os.

À tarde chamou o mais velho, e disse-lhe: consolei-me hoje com umas uvas que me deram. Estas, que me restam, são para vós.

Reparte-as tu pelos teus irmãos mais novos.

O rapaz dirigiu-se para os irmãos que brincavam despreocupadamente.

Mas, quando ia a partir o primeiro cacho, falou-lhes desta sorte: e se nós, que já sabemos o que isto é, os guardássemos para o pai, que coitado, trabalha para nós de sol a sol?! Tiveste boa ideia, disseram todos. E, à noite, como o pai voltasse mais cedo, todos o esperam, para lhe fazer a surpresa.

Qual não foi, porém, o espanto deste, quando viu que os cachos eram os mesmos que na véspera dera aos pais!

Reuniu, então, toda a família, e, explicado o caminho que as uvas tinham seguido, todos comeram delas!

O pai é que, por entre lágrimas de contentamento, bendizia, intimamente, a paz que ele agora via, melhor que nunca, reinava entre todos os membros da sua família.

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

Qual dos três terá razão?

Sentados junto da velha igreja eja-se uma rapariga linda, cá de trás da espregitando os raios do sol que as nuvens teimosas encobriam, três rapazes falavam amigavelmente, conversando sobre aquilo que naturalmente lhes aflorava aos lábios — os seus amores.

Dois muito bem vestidos, irrepreensivelmente penteados, calças vincadas, sapatos a luzir, mas que fazem profissão de *boa vida*.

O outro vestido com mais simplicidade, e com as mãos calejadas dos trabalhos pesados da semana.

— Olha, Júlio, sabes porque deixei a Rita Algarvia?

Eu namoreia-a uns onze meses. Mas quando tive conhecimento de que ela não tinha dinheiro, nunca mais lá voltei: Ala! moço que se faz tarde.

Agora falo com a Josefina Morgadinha, da Ribeira.

Parece que tem bastante e os pais têm uma boa casa.

Mas sabes? não presta para dançar. Calca os pés a toda a gente, anda aos encontros.

Para isto é um grande estafermo. De cara também não é lá uma preciosidade, tem um tal nariz que parece um pica-pau.

Mas que diabo, tem bagalhoça e pronto.

— Estás como eu, Luís. Rapariga que não tenha bens e que não tenha uns continhos, não me serve. Queres ouvir?

Ando cá a planejar uma maneira de arranjar fortuna, mesmo sem trabalhar e sem ir ao Brasil.

Sabes como? é muito simples. Agora namoro a Rosalina Rosada da Roseira.

Dizem-me, e é certo, que tem uns quinze contos e o pai dá-lhe umas terras.

Faço o registo civil e, depois de um anito, ponho-a a andar, divorcio-me dela e, estás a ver, metade do que ela tem passa cá para o rapaz.

Depois faço a corte à Joanninha da Jerónima. Tem bastante e como já tem uns anitos, cai na esparrela que é um regalo e como é feia que nem uma bota, faço-lhe o mesmo e depois arran-

orelha.

O terceiro, o João das Dornas, ouvia silencioso este palavriado desvaído, até que por fim lhe disse:

São gostos de cada um e como são gostos não discuto. No entanto uma coisa digo: Pensando assim, pensais mal e se o fizerdes fazeis pior.

Há dois anos que eu namoro a Margarida Dornelas.

Eu pouco tenho e ela não terá mais do que eu, mas não a deixo por dinheiro nenhum.

É bonita, formosa e a maior riqueza que tem, é a graça de Deus. É muito meiga, é muito bem prendada, sabe muito do arranjo da casa e espero viver feliz com ela. Não é o dinheiro que dá a felicidade mas sim o verdadeiro e sincero amor.

Paisagem

*Ergui-me uma manhã cedo
Deste Junho, quase em meio,
P'ra ir ver tantos abraços
Que as foices dão ao centeio.*

*Ao passar pelas searas,
Vi tão bom centeio e o trigo
Que chorei só de lembrar-me
Como Deus é nosso Amigo!*

*Dei 'ma volta pelas vinhas,
— Tudo lindo e encantador —
Batatais e os olivais
Era um louvar ao Senhor!*

*Subi, depois, a ladeira,
Estendi os meus olhares
Por um vasto aglomerado
De sobreiros seculares.*

*Plantas que ajudam os donos,
Que até ficam mazinhas...
E vendo as lindas searas
Que dão pão p'ras criancinhas!*

*Olhei alto! E, logo ali,
Louvei a Deus — comovido —
Por ver os bens que nos dá
Sem lhe os termos merecido.*

*E ouvindo os lindos cantares
Das queridas avezinhas!...
Pensei: — são graças a Deus
Com mais valor do que as minhas!*

*Quem dera, ser como as aves,
Poder no campo habitar
E dar, também como elas,
Graças a Deus a cantar!*

*Deus mandou aos passarinhos
Que não chorem: p'ra mostrar
Que quem vive sem pecados
Não precisa de chorar.*

*Por isso é que as avezinhas
Nunca choram — o que admiro! —
Até cantam quando exalam
O seu último suspiro!*

*Os passarinhos não choram,
Nem d'alegria nem dor,
Porque vivem sem pecados
E eu tenho tantos — Senhor!...*

*Os passarinhos não choram,
Nem d'alegria nem mágoa,
Já eu, louvando ao Senhor,
Tinha os olhos rasos d'água.*

*Limpei os pobres e pude
Olhar para o campo, ainda,
Porque eles não se cansavam
De ver paisagem tão linda!*

*As capelinhas caídas,
Os povoados distantes!
— Que visões abençoadas
Daquelles gratos instantes!*

*Esqueci os meus cuidados
Admirando os horizontes,
A magestade das serras,
As arribanas e os montes!...*

*Só por este panorama
— Sem falar no mundo todo —
Vê-se a grandeza de Deus!
— E o nosso mísero lodo.*

S. Vicente da Beira.

JOSÉ LOURENÇO

Aldeia das Dez

OBRA DAS CRIADITAS DOS POBRES — A casa que pertenceu ao sr. Jaime Gabriel Diniz e que fica situada junto à igreja, herdada por sua filha Olímpia anda em obras para ser adaptada para as colónias de férias das crianças protegidas pelas Criaditas dos Pobres com sede em Coimbra.

As despesas que devem totalizar algumas dezenas de contos são pagas com esmolas que lhes dão os seus benfeitores e simpatizantes de tão simpática obra. É uma obra que valorizará Aldeia e que muito contribue para a saúde de muitas centenas de crianças pobres que aqui vêm passar a temporada de verão.

Entre os melhores benfeitores é-nos grato destacar a fábrica de telha da Carriga de Coja que ofereceu uma camioneta de tijolo, o sr. Jaime Matias, de Arganil que ofereceu madeiras, os Portos de Coimbra com uma oferta de mosaicos, a fábrica Aleluia de Aveiro que ofereceu grande quantidade de azulejos e louças sanitárias.

REPARAÇÃO DA IGREJA PAROQUIAL — Começaram os trabalhos da caiação exterior da nossa igreja paroquial.

CASAMENTO — No dia primeiro de Julho realizou-se o casamento do sr. António Diogo da Cruz com a sr.^a Maria do Carmo, ambos viúvos, do lugar do Avelar.

Gemitório de Vale de Maceira

Acaba de ser reparado o cemitério desta povoação o qual se achava em mísero estado. Foi todo rebocado a cal hidráulica e caiado de branco e foi-lhe colocado um portão de ferro.

Todas estas obras se ficam devendo ao sr. Agostinho Mendes Duarte, natural desta terra e que aqui veio passar um mês de visita a sua família.

O sr. Agostinho Mendes Duarte embarcou no dia 30 de Junho para Nova Iorque onde reside há bastantes anos.

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Preces cresça, floresça, se desenvolva e progreda, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

S. Sebastião da Feira

CORPO DE DEUS — Realizou-se uma grandiosa procissão em honra de Jesus Sacramentado. Tomaram parte a Associação do S. S. Coração de Jesus, Juventude Feminina e Cruzada Eucarística.

Jesus coberto de flores atravessou as ruas embelezadas para este fim. Merecem louvores os rapazes e raparigas que cuidaram do seu arranjo.

SACRATÍSSIMO CORAÇÃO DE JESUS — Tem sido concorrido o mês do S. S. Coração de Jesus, tendo sido grande a assistência não obstante a faina agrícola. Foram muitas as pessoas que comungaram no dia do S. S. Coração de Jesus.

CRUZADA EUCARÍSTICA — Receberam solenemente o hábito da Cruzada Eucarística muitas crianças que se comprometeram fazer a sua Comunhão reparadora. No próximo dia doze será a primeira reunião da Cruzada Eucarística.

NA ETERNIDADE — Confortada com todos os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu nesta freguesia no dia 24 de Junho, Ana de Sousa, de 98 anos de idade. Paz à sua alma.

Alvoco das Várzeas

FESTIVIDADES — No dia 31 de Maio teve lugar nesta freguesia uma procissão de velas em honra de Nossa Senhora de Fátima, terminando assim o mês de Maria. Foi uma grandiosa manifestação de fé. Estavam iluminadas todas as casas do percurso.

— **Corpo de Deus** — Celebrou-se nesta terra a festa do Corpo de Deus. Na procissão incorporaram-se a Irmandade, Associação do S. S. Coração de Jesus, Cruzada Eucarística, etc. Jesus Sacramentado que tão amorosamente foi recebido pelo povo desta terra certamente abençoou suas famílias, suas casas e seus haveres.

— **Sacratíssimo Coração de Jesus** — Com a preparação devida foi solenizado o dia do S. S. Coração de Jesus. Constatou de Missa cantada pelo grupo coral, tendo comungado muitas pessoas. De tarde teve lugar Hora Santa.

IGREJA PAROQUIAL — Com a ajuda de todos, vão ser colocados bancos na igreja e reparado o soalho. Uma Comissão de naturais desta terra e residentes no Brasil vão doirar os altares. Bem hajam.

Anedotas

Numa excursão a cavalo, o criado que se ia escoando para o pescoço do burro, grita ao amo: — Sr. Dr.!

Sr. Dr.!

— Que é, rapaz? Que há de novo?

— Ainda falta muito para o fim da viagem?

— Então porquê? já vais cansado?

— É que se falta muito não o posso acompanhar. Está-se a acabar o burro; só tenho isto!!!

+

Um garoto entra numa padaria e pede um pão.

— Quanto custa?

— Onze tostões.

— Mas o pão não tem o peso — diz o gaiato.

— Não te importes. Leva-te menos tempo a comer — responde-lhe o padreiro.

— Ah! sim senhor.

— Puxa por nove tostões e põe-nos sobre o balcão.

— Faltam dois tostões, — diz-lhe o padreiro.

— Não se importe leva-lhe menos tempo a contar.

E foi-se embora.

A moral e o número três

Três poucos e três muitos funestos ao homem:

Saber pouco e falar muito.

Ter pouco e gastar muito.

Valer pouco e presumir muito.

Três muitos recompensados por outros três:

Muito estudo, muita ciência.

Muita honradez, muita paz.

Muita reflexão, muita sabedoria.

Três bons médicos:

Os doutores Dieta, Alegria e Trabalho.

Três qualidades para ser feliz:

A paciência para suportar os males.

O temor de Deus, para evitar os vícios.

A caridade de coração para suportar as fraquezas do próximo.

Para viver em paz:

Ouve..., vê..., cala...

Maria e a Redenção

(Continuado da 1.^a pág.)

Estamos em presença de duas realidades, uma de treva e outra de luz; uma ruína imensa resultante do pecado original, e uma Redenção mais admirável do que a criação do mundo; uma grande miséria, e uma misericórdia infinitamente maior do que a grande miséria.

*

Ao lado de Adão, único autor da queda, único autor da morte, causa única da treva, da ruína e da miséria, vemos nós a mulher, sua consorte, que em tudo cooperou com ele.

Não tivesse Adão sucumbido à sugestão da companheira e a morte não viria ao mundo, ainda que a mulher tivesse sucumbido à sugestão da serpente.

Tivesse caído Adão como caiu, e permanecesse Eva na inocência, e o mundo teria sido manchado como foi.

Aos desígnios imperscrutáveis de Deus aproveite pois associar ao novo Adão a reabilitação da humanidade, uma nova Eva. Assim se compreende a intervenção da Virgem, como Reparadora na obra sublime da regeneração do mundo.

J. AMADO